

DO TIPO VESTIBULAR* ::

Marque a(s) opção(ões) correta(s) acerca da *Felicidade*:

* O aparelho vestibular é o órgão sensorial que detecta as sensações relacionadas com o equilíbrio... ou seja, se você errar, tá desequilibrado(a)!

- "A felicidade não significa divertimento, mas a realização da natureza essencial de cada um" – São Tomás de Aquino;
- "Though one cannot always / Remember exactly why one has been happy, / There is no forgetting that one was" – W. H. Auden (*Goodbye to the Mezzogiorno*);
- "The essentials to happiness are something to love, something to do, and something to hope for" – William Blake;
- "Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada" – Clarice Lispector (*Felicidade Clandestina*).

Continua na pág. 02

Informativo da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade**
ano 1, número 2 – setembro de 2005

www.cavalcantejunior.com.br/relus – relusunifor@gmail.com



FAROLETE

Prezados Amigos,

Estamos mais do que felizes com o início dos nossos trabalhos enquanto grupo de pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade – RELUS. Nossa "Aula Inaugural", aberta ao público (11/08/05), foi proferida pelo Prof. Dr. José Jorge de Moraes Zacharias, com o tema "A Felicidade na Psicologia Analítica de C.G. Jung". Convém, ainda, destacar a realização da video-conferência com o Prof. Johannes Hirata, com o tema "Ciência da Felicidade: Mudanças de Paradigmas" (31/08/05).

Durante os cinco encontros ocorridos no mês de agosto, discutimos os livros "Felicidade, desesperadamente" e "Em busca de Espinosa", com autoria, respectivamente, do filósofo André Comte-Sponville e do neurocientista Antônio Damásio. Ao longo de setembro, estaremos debatendo "A arte da Felicidade", além das análises culturais inspiradas no pensamento do antropólogo Roberto DaMatta.

Vamos à frente, que o semestre é desafiador.

Prof. Cavalcante Junior, Ph.D.
Coordenador da RELUS

** Editor do FAROLETE: André Feitosa]] andre_feitosa@msn.com

5. "O bem que fizemos na véspera é o que nos traz a felicidade pela manhã" (Provérbio Hindu);
6. "Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho" (Mahatma Gandhi);
7. "Procurando o bem para os nossos semelhantes encontramos o nosso" (Platão);
8. "Na realidade, são nossas atividades conforme à excelência que nos levam à felicidade, e as atividades contrárias nos levam à situação oposta" (Aristóteles);
9. "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas as coisas vos serão dadas por acréscimo" (Jesus - Mateus 6: 33);
10. "Essa é a verdadeira chave para a vida: se modificares a tua mentalidade, tuas condições se modificarão também - teu corpo irá modificar-se; tuas atividades rotineiras irão modificar-se; teu lar irá modificar-se; toda a tônica da tua vida irá modificar-se - pois o estares feliz e contente ou deprimido e infeliz, depende inteiramente do tipo de alimento mental de que te nutres" (Emmet Fox);
11. "A felicidade depende das qualidades próprias do indivíduo e não do estado material do meio em que se acha" (Allan Kardec);
12. "Sofremos demasiado pelo pouco que nos falta e alegremo-nos pouco pelo muito que temos..." (W. Shakespeare);
13. "Cultivar estados mentais positivos como a generosidade e a compaixão decididamente conduz a uma melhor saúde mental e à felicidade" (Dalai Lama);
14. "O auto-conhecimento é o começo da sabedoria, em cuja tranquilidade e silêncio se encontra o Imensurável" (Krishnamurti);
15. "As alegrias que brotam do mundo dos sentidos encerram germes de futuras tristezas; vêm e vão; por isso, ó príncipe, não é nelas que o sábio busca sua felicidade" (Bhagavad Gita);
16. "A ventura é um 'estado de espírito' e não fruto da posse ou propriedade particular... as coisas inanimadas ou provisórias, jamais podem proporcionar a felicidade para quem é eterno" (Ramatis/ H. Maes);
17. "Se queres colher doce paz e descanso, discípulo, semeia com sementes do mérito os campos de futuras colheitas" (H.P. Blavatsky);
18. "Se alguém não encontra a felicidade em si mesmo, é inútil que a procure noutro lugar" (La Rochefoucauld);
19. "A felicidade não é uma estação de chegada, mas um modo de viajar" (M. Ruberck);
20. "Creio que uma forma de felicidade é a leitura" (Jorge Luis Borges).

DICA DE FILME – ou é possível ser feliz sem saber? :: {Yuri Sales}

Apesar de tudo, sobretudo dessa felicidade que encontramos nos livros, essa, muitas vezes, estranhamente teórica, não parece ser a mesma felicidade que falamos, intuimos e presenciamos em nossas vidas diárias. A ciência, há muito tempo, mostrou-se incapaz de abordar a complexidade do ser humano integrada em todos seus aspectos e perspectivas. A felicidade, deste modo, ultrapassa, por sua natureza humana, o ambiente teórico e científico para surgir e provocar de outras formas, com outras máscaras, em nosso cotidiano, na arte, na cultura e em outras paisagens.

É, nesse sentido, que venho recomendar *Experimentando a vida* (1999), com a esperança que a discussão acerca da felicidade extravase do âmbito acadêmico e flua, livre entre pensamentos e emoções, como algo real, que perpassa nossa vida e está presente... até mesmo quando não estamos felizes.

A sugestão do filme, por exemplo, é oportuna para refletirmos sobre uma autista de 28 anos que, submetida a uma operação revolucionária, se "cura" da sua grave deficiência, e revela-se uma mulher inteligente e delicada. Não é o objetivo, aqui, entrarmos na discussão sobre o que é o autismo, doença genética ou psíquica, porém, antes, um convite para deixarmos a imaginação tomar nossos corpos e viajarmos pelo mundo real das imagens virtuais, do que pode ser possível.

No filme, a personagem "ex-autista", depois da operação, demonstra sentimentos que já possuía, mas que não exteriorizava, ou, até mesmo, ignorava existir. Será que podemos ser felizes sem saber? Será que autistas e deficientes mentais podem ser felizes mesmo sem ter uma "consciência ampliada" de quem sejam, do que felicidade seja, mesmo que não possuam uma estrutura biológica semelhante à nossa?

Curiosamente, a felicidade, bem sabemos, esconde-se nos lugares mais surpreendentes. Então, por gentileza, assistam *Experimentando a vida*.

Acerca da linguagem e da vida :: {Paulo Coelho Castelo Branco}

Será que a explicação da linguagem, por meio de palavras, signos lingüísticos, pelo biológico e práxis sociais, bastam para traduzir o *mistério* da realidade? Todo ser humano se embrenha na linguagem a fim de que possa moldá-la ao seu pensamento. Todavia, considero que existe uma ingenuidade no discurso corrente de que a linguagem humana tem a finalidade de comunicar e transmitir idéias. Sabemos, hoje, que a linguagem serve-se, também, de um instrumento de ocultação da verdade, no sentido em que ela é usada para manipular, controlar, intimidar e dominar. Saliento, porém, que mesmo que a linguagem tenha, eventualmente, perdido o seu teor comunicativo, ela não deixa de ter a possibilidade de comunicar.

Michel Foucault já nos alertou para os perigos presentes a linguagem, dentro do domínio de um discurso que usa uma língua. Vejam que toda sociedade, ao produzir seus discursos, é, ao mesmo tempo, controlada, organizada e redistribuída por ele. Assim, temos uma forma de materialidade dentro do campo do discurso, que é passado e pensado por uma linguagem e uma língua, que, posteriormente, serão referendados em discursos que geram ações morais e éticas dentro da operacionalidade do pensar social.

Logo, a linguagem confere uma identidade, onde pela língua, que parte de um grau de conhecimento de um idioma, há um determinante de aparência social e psíquico que serão refletidos no discurso daquela sociedade. Até que ponto nós dominamos a linguagem, em que medida a linguagem nos confina ao seu discurso? Felicidade está inscrita na linguagem?

▣ "Eis o que eu reconheci ser bom: que é conveniente ao homem comer, beber, **gozar de bem-estar em todo o trabalho** ao qual ele se dedica debaixo do sol, **durante todos os dias de vida que Deus lhe der**. Esta é a sua parte" – *Eclesiastes*, capítulo 5, versículo 17;

▣ "O primeiro fundamento da **virtude** é o esforço (*conatus*) de **preservar o self individual**, e a **felicidade consiste na capacidade humana de preservar o self**" – Espinosa (apud Antônio Damásio, *Em busca de Espinosa*, 2003);

▣ "Na **ideologia do bem-estar**, o que conta não é a **virtude**, é o **sucesso**. (...) O sucesso é indiferente à virtude. Seu parâmetro é a visibilidade. Onde a simbiose coma publicidade ou o "espaço publicitário". **O sucesso vive da publicidade e ambos dependem do mercado de objetos**. O sucesso só é sucesso se é notícia, e a notícia só é notícia se é um artigo, um produto vendável" – *Jurandir Freire Costa* ("A ética e o espelho da cultura", Rocco, 1994).

LEVES PALAVRAS, ou rumo ao insondável ::

"[Freud, ganhador do Goethe de Literatura, afirma que a arte antecede à psicanálise, e declara a profundidade na interpretação psicológica humana nas obras de Sófocles por Édipo Rei, Dostoiévski por Irmãos Karamazov e Shakespeare por Hamlet] Entre Shakespeare e a matéria, o que vejo: os sonhos de que somos feitos. Como um "dogmático" (enigmático acho que melhor convém) racionalista da psicanálise, tais significantes que seu título pôs-me a mover, não deixar-me-iam de redizer com Freud: "os sonhos são a via régia para o inconsciente", para onde se perde o sujeito, para onde eu possa estar, para esse "lugar" inefável e imensurável que nos constitui, sobremaneira, até fisicamente. Os sonhos não podem, tal qual afirma o poeta, deixarem de ser "a matéria de que somos feitos". Como me arrebatava ver todo um desenvolvimento intelectual ocidental erguer-se com sua própria base inerente, e, por fim, ele próprio estilhaçar-se - penso onde não estou, existo onde não penso.

Quanto almejaria desenvolver uma profilaxia que nos desobstrua do ridículo caminho que toma nossa inabalável, tecnocrática e insubstituível biociência na condução absurda de um descaso ao que condiz com a existência humana - sua liberdade, sua irredutibilidade, sua fragilidade, morte e tragicidade. Tomemos pilulas anestésicas, louvemos o avanço genético das células-tronco e das bioculturas clônicas, desvendemos o "mistério" da vida genômica, traduzamos os códigos genéticos da homossexualidade, da aptidão à raiva, à criminalidade, e das outras tantas monstruosas basbaquices. Façamos, pois nos diz respeito. É potencialmente humano. Somos capazes! Façamos "ciência", desenfreadamente. Substituamos, enfim, aquela centelha fugaz que nos escapa à classificação, que carece de explicações, que nos motive no infindável dilema do que realmente é o homem - tornemos tudo linguagem biológica. Prevamos os erros, os acasos. Sejamos capazes de nos antecipar à vida. Possamos, assim, definir o homem não pelo que ele é, mas por aquilo que poderia ser. O recriemos e o cultivemos em laboratório.

(...) Tomando então tais conceitos, chego à argumentação de que os processos racionalizados (sentimentos) não podem partir de uma potência adaptativa (emoções) por conterem em si mesmo algo que evidencie o nefasto da condição dissipadora e devastadora do homem, o que supre a lógica damasiana que deixa escapar a força das fantasias e desejos por trás dos sentimentos, seu respectivo movimento pulsional com sua carga ambivalente. A submissão de fenômenos, como emoções e sentimentos, a uma única ordem evidente pode negar o que se deixa por não representar no contorno disso, aquilo que se perde através da racionalização e que nos permite uma abordagem realista, acredito, pessimista para outros tantos: o homem jamais será, por completo, feliz. [E entendermos aqui felicidade por um estaque das ações que impulsionam o homem a uma eterna busca, eterno movimento e não-acabamento de si.]

(...) Sublime! A questão da escrita e afirmação do desejo então, ali você toca minha alma. Como não entender sua questão, hoje, com a Sra. V. se era justo onde ela se incluía entre nós, devotos da palavra, justo onde mais me agarro - literatura e psicanálise. (...) Paradoxo / Pelos pontos que em cada toque se perfazem sensações, eis um só momento de mágica verdade: a ilusão de sua criação. / A brevidade fugaz do que possa ser de fato não nega ou torna autêntico cada coisa que nos cerca. / O que é realmente? O que não deve ser? / Se o próprio detalhe que aponte "um dever não estar ou não ser", já não o tornaria em verdade sendo-não? / A realidade objetiva que nos molda faz da existência uma afirmação concebida, mas tudo aquilo que não se faz por sentido ou reconhecimento, pode conter, em si, sua outra metáfora: o grau do paradoxo - o medo de não se ser. / E pelo temor chega-se ao delirante prazer de que aquilo que se torna duvidoso é necessariamente a inevitável origem dos opostos. / Então, aquela tal verdade pode ser ilusão dela própria, quando também sua mesma ilusão a evidencie. / Perdido e exausto, Helton Thyers



:: adaraX_r_d ::

"(...) Ruiu um mundo que se organizava em torno de utopias rivais, macrorepresentações do que seria uma sociedade justa, livre, solidária. (...) Há pouco tempo a maior parte das pessoas que buscavam terapia era movida pelo mal-estar que o enigma do sofrimento provocava. **O tratamento, além do alívio da dor, visava a ampliar a própria autonomia e a alargar o horizonte.** Este tipo de inquietação é minoritário hoje. O que mais se vê é uma queixa de desorientação, de desinteresse pela vida, uma espécie de abulia psíquica recheada por um sentimento de falta de referências, que traz ataques de pânico ou crises depressivas. (...) Isto explica também o aumento excessivo do consumo de psicofármacos, sobretudo antidepressivos, cada vez mais apresentados como drogas do bem-estar, precursores do Soma, a droga da felicidade no "Admirável Mundo Novo", de Huxley. O investimento maciço da indústria farmacêutica tem como alvo uma substância que elimine o mal-estar e produza um estado de leve euforia. Nada contra acabar com a dor. Mas a psicanálise aborda o homem não apenas como um organismo complexo e, sim, como um sujeito moral. No mundo da fruição otimizada, **exige-se uma psiquiatria de resultados, ou uma religião de resultados**" - Benilton Bezerra Junior ("Pilulas de felicidade em vez de ideais", jornal O GLOBO, 02/01/2000).



"Na cultura do bem-estar e da ética do sucesso, o sofrimento é um elemento extremamente perturbador. De modo semelhante, o tédio é uma dimensão da existência que hoje se entende como uma disfunção a ser eliminada. Só a euforia constante é válida, numa era em que a fruição e o prazer tornaram-se obrigatórios e na qual vigoram as tiranias da felicidade". **Em contraste com o núcleo da psicanálise, hoje a própria idéia de conflito é difícil de suportar**" - Paula Sibilla ("Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico : a crise da interioridade", Semiosfera, ano 4, número 7. dezembro de 2004).

Abaixo, "Colour happy", fotografado por Howard J Davies. Lembra Cazuza, não? "Só as mães são felizes...". Nessa edição, a pergunta confronta-se com a natureza ou condição de felicidade vivenciada pelas mães: é felicidade mesmo? Definida em quais termos?



Segundo **Alfredo Jerusalinsky** (Ciência&Saúde, jornal OPOVO, 28/09/2005): "Kendall, prêmio Nobel de Medicina em 1999, diz que **mães tristes produzem cérebros tristes e mães felizes produzem cérebros alegres**".

Você concorda!? Justifique.

Seguindo o Cronograma de leituras propostas, o livro "A Felicidade, desesperadamente", do filósofo André Comte-Sponville, foi discutido nos encontros do grupo de pesquisa, contando, agora, com uma lista de reações públicas, escritas pelos debatedores e já disponíveis do sítio da RELUS. Abaixo, um texto que, muito particularmente, despertou o interesse desse Editor, por remeter-nos, logo no seu título, à inscrição do portal do "Inferno", na "Divina Comédia" de Dante Alighieri: "**Ó, vós que entráis, abandonai toda a esperança...**". *Felicidade, então, é sinônimo do Inferno Humano!?* A questão, absolutamente genial, foi incitada por **Diego Gaspar de Oliveira**, estudante de psicologia da UNIFOR. Confira abaixo na íntegra:

"Somos sujeitos desejanter, assim afirmou Freud, e Platão antes dele, e o que todo ser humano mais quer é ser feliz. Nós, ocidentais, fomos construídos seguindo a lógica do desejo, onde o desejo é a falta. Ora, mas se eu só desejo o que me falta, então, nunca poderei ser feliz, pois se um dia conseguisse, então, a felicidade já não me faltaria. A vida seria um movimento pendular onde de um lado sofreremos por não ter o que queremos e de outro, quando temos o que queremos, ficamos entediados, pois aquilo já não nos falta. Por que não posso ser feliz quando tenho tudo para ser feliz? Simples, é porque desejo o que me falta. Desta maneira, estamos fadados a infelicidade eterna, pois sofro por não ter ou estou entediado com o que tenho e passo a procurar outra coisa para desejar.

Comte-Sponville destrói esta lógica e nos convida a pensar algo diferente, nos convida a desejar o que temos, pois, assim, sentimos prazer, nos sentimos felizes. Para ele, Platão estava errado, o desejo não é a falta, pois podemos desejar o que temos e quando o fazemos nos sentimos bem. O desejo pelo que falta é, para Comte-Sponville, a esperança. Sendo assim, a esperança é um desejo, mas o desejo não é a esperança. 'O que é a esperança? É um desejo que se refere ao que não temos (uma falta), que ignoramos se foi ou será satisfeito, enfim cuja satisfação não depende de nós: esperar é desejar sem gozar, sem saber, sem poder'. (Comte-Sponville, 2004, p. 58)

Potência. Felicidade deixou de ser uma falta e agora é potência. Não se trata mais de querer ser feliz, e sim de ser feliz. Para Comte-Sponville, a felicidade é desejar o que se tem, já isso é o contrário de esperar. Então, felicidade é poder, saber e regozijar-se. Se for algo que depende de mim, então, eu posso, se é algo que sei, então, não me angustio com incertezas, e se é algo com o qual sinto prazer, então, me sinto feliz. A felicidade é potência. A falta não seria mais a força motriz que faz o mundo girar e sim a potência, a vontade. O desespero, no sentido de des-espero, não espero, é a chave para o paraíso, para a felicidade.

Por outro lado é impossível não esperar. Como não esperar que nossos parentes fiquem bem quando estão muito doentes? É impossível aos meus olhos não esperar. É preciso ser sábio para mediar nossas esperanças e nossas vontades, mas tem certas coisas que não depende de nós. Seria necessário negar nossos sentimentos para não esperar. Não é este tipo de sabedoria que o autor nos menciona, e, sim, a sabedoria de saber viver, de valorizar o que temos aqui e agora. Não busquemos mais a felicidade no futuro ou no passado, sejamos felizes com o que temos. Por outro lado, não se trata de uma inércia, mas desta vez não seremos movidos pela esperança, e sim, pela vontade, pela atitude".

da Física...

Cartas ao Bio-Poder

da Cultura...

"A maneira comum de analisar a consciência é considerá-la como um resultado secundário (epifenômeno) da atividade cerebral. O problema desse ponto de vista é que se começa com partículas produzindo átomos, átomos produzindo moléculas, moléculas produzindo neurônios, neurônios produzindo o cérebro e o cérebro produzindo consciência. Isso transforma **a consciência em um objeto**, apesar de que os objetos fazem parte da experiência da nossa consciência, e não só eles mas o todo. O enfoque convencional não consegue incorporar essa duplicidade do sujeito e objeto. **Na física quântica existe uma profunda descontinuidade, sendo que algumas partes do movimento quântico são previsíveis.** Por exemplo: os objetos da física quântica são considerados ondas de possibilidades. **Como essas possibilidades vão se espalhar pode ser previsto pela matemática quântica; mas como as possibilidades se transformam em realidade concreta não pode ser previsto.** A consciência faz o colapso dessas possibilidades para ser algo - isso é o que chamamos de salto quântico. Então a consciência é incorporada na física quântica como o escolhedor da realidade, entre as possibilidades existentes. (...) **Não somente a consciência não depende do cérebro como é o cérebro que depende da consciência. Isso vira o ponto de vista materialista (newtoniano) de cabeça para baixo.** A vantagem é que você consegue começar a entender a divisão entre sujeito e objeto, e incorporá-los em uma mesma realidade. Percebi, ao longo do tempo, que aprendi mais analisando ocorrências extraordinárias do que ordinárias" - Amit Goswami, Ph.D., professor de física quântica no Instituto de Física Teórica da Universidade de Oregon (EUA).

"Os indivíduos acreditam que serão tanto mais fortes quanto mais puderem dispensar acordos sobre o que podem ou não querer ou fazer no público e no privado (...) **Minha liberdade é minha preferência**, sem consideração pelo que é justo ou injusto, digno ou indigno, bom ou mal preferir. **Só que 'preferir' também é seguir ou identificar-se com a regra da preferência dominante. E a regra da preferência dominante é a do bloco do eu sozinho.** Quanto mais sozinho estamos mais temos a ilusão de ser livre, como se liberdade existisse independentemente do olhar ou da admiração do próximo que a reconhece como liberdade (...) A transformação irrefletida de estilos de vida diluiu as fontes do público e do privado. **O espaço da interação humana tornou-se o lugar do anonimato do desejo.** Quanto menos visíveis e mais enigmáticos formos no que desejarmos menos podem nos pedir, e quanto menos nos pedirem mais nos deixarão livres para fazermos o que quisermos! O problema é que nada mais temos vontade de fazer! (...) **A intimidade familiar, conjugal ou amorosa deixou de ser o lugar onde elaborávamos nossas experiências morais** pelo exercício do bem-dizer que para ser verdade ou indicativo da boa vida requeria o testemunho e a aquiescência do outro, tendo como juiz os ideais comuns. Na contramão dessa ascensão, equipamos nossas casas e vidas de modo a afastar o próximo e tornar sua palavra absolutamente irrelevante. **Continuamos, entretanto, fetichizando a falta do que só tinha sentido num mundo que desapareceu.** Mantemos uma imagem de felicidade oca e que é puro teatro de sombras do que já foi. **Queremos conciliar um ideal de felicidade baseado na parceria e um código moral que fez de nossos corpos, sexos e amores referentes de mercadorias com a etiqueta "pessoal" (...)** **A degradação do público e do privado não nos deixa outra saída exceto a de pensarmos obsessiva e inutilmente em nosso mal-estar.** Não se trata de nostalgia passadista ou de querer reabilitar o "lar doce lar" que, aliás, nunca foi tão doce. A sugestão é a de que pensemos em novas modalidades de interação nas quais as singularidades subjetivas possam apoiar-se na presença dos outros. (...) **Penso que devemos levar a sério questões como vínculos de amizade, hospitalidade, cortesia, honra, lealdade e fidelidade,** assim como a questão do reencantamento ou paixão pelo mundo. Não para reeditar essas formas de vida moribundas, o que seria farsesco, mas para repensá-las, renová-las e, **quem sabe, voltar a reintroduzir na vida pública e pessoal o entusiasmo pela criação de um mundo comum que deixou de existir.**" - Jurandir Freire Costa ("Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise" In Revista da USP. São Paulo: , n.37, p.108- 120, 1998).